

Apontamentos morfosintáticos sobre o processo de formação dos topônimos indígenas tupis e guaranis

(Morphosyntactic notes about the process of formation of Tupi and Guarani indigenous toponyms)

Lucimara Alves da Conceição Costa¹

¹Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista
Júlio de Mesquita Filho (UNESP)

lucimara.costa@hotmail.com

Abstract: This study is part of the dissertation “Lexical study of indigenous names in the region of Aquidauana, Miranda and Corumbá in Mato Grosso do Sul: the rural toponymy” and aims to present some morphosyntactic notes about the process of formation of indigenous toponyms, Tupi and Guarani, in those regions. The data were collected from topographic maps in scale 1: 125,000 and statistical Rural Maps provided by the IBGE website. In order to develop this study, the taxonomic toponymic model proposed by Dick (1990) was adopted. The theoretical background on Morphology was based on Cunha and Cintra (1985), Rio Torto (1998), Basil (2000), Costa (2002) and Basil (2009) in order to substantiate the formation process of the terms presented in the analysis.

Keywords: lexicon, word formation process, Tupi and Guarani toponyms.

Resumo: Este trabalho é um recorte da dissertação de Mestrado “Estudo lexical dos nomes indígenas das regiões de Aquidauana, Corumbá e Miranda no Estado de Mato Grosso do Sul: a toponímia rural” e tem como objetivo apresentar alguns apontamentos morfosintáticos sobre o processo de formação dos topônimos indígenas tupis e guaranis das regiões supracitadas. Os dados apresentados foram coletados por meio de cartas topográficas na escala 1: 125.000 e Mapas Rurais estatísticos (MRU), disponibilizados pelo *site* do IBGE. Para desenvolvimento deste trabalho adotamos o modelo taxionômico toponímico proposto por Dick (1990). Como suporte teórico morfológico contamos com os pressupostos de Cunha e Cintra (1985), Rio-Torto (1998), Basílio (2000), Costa (2002) e Basílio (2009) de forma a fundamentar o processo de formação dos termos apresentados na análise.

Palavras-chave: léxico; processo de formação de palavras; topônimos tupis e guaranis.

Introdução

A família Tupi-Guarani, com mais de trinta línguas, é considerada uma das maiores famílias da América do Sul e tem a maioria de seus povos na Amazônia.

De acordo com Aryan Rodrigues em seu artigo intitulado *Aspectos da história das línguas indígenas da Amazônia* (SD), seu reconhecimento como família genética é datado desde o século XIX, porém, só em meados do século XX é que se reconheceu que ela faz parte de um conjunto de dez famílias amazônicas, que apresentam muitas diferenças entre si, mas que possuem uma remota origem em comum.

Ainda segundo apontamentos deste autor, essas línguas mantiveram-se em estado mais ou menos homogêneo somente até a época da descoberta; depois desse período, fracionaram-se novamente. Desse modo, quando os europeus chegaram à costa brasileira, as aldeias tupi-guaranis por eles encontradas comportavam dois conjuntos de dialetos: um

originado do prototupi, falado ao norte da linha tropical, e outro, ao sul, proveniente do proto guarani, conjuntos dialetais denominados, respectivamente, de tupi e guarani.

Nesse sentido, considerando a afirmação de Rodrigues (1951, p. 3), ao apontar que “um dos aspectos [...] mais importantes para quem quiser se dedicar à investigação etimológica é, sem dúvida, o processo de composição nesta língua predominantemente incorporante, e que de igual importância é a derivação por meio de afixos”, este trabalho tem por objetivo apresentar alguns apontamentos morfossintáticos sobre o processo de formação dos topônimos indígenas tupis e guaranis das regiões de Aquidauana, Corumbá e Miranda no Estado de Mato Grosso do Sul.

Convém destacar que este artigo é um recorte da dissertação de Mestrado *Estudo lexical dos nomes indígenas das regiões de Aquidauana, Corumbá e Miranda no Estado de Mato Grosso do Sul: a toponímia rural*, defendida na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Câmpus de Três Lagoas, sob orientação da Prof^a Dr^a Vitória Regina Spanghero. Os dados apresentados foram coletados por meio de cartas topográficas na escala 1: 125.000 e Mapas Rurais estatísticos (MRU), disponibilizados pelo *site* do IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, organizado no ano de 2007, para fins de recenseamento do Estado.

Para desenvolvimento deste trabalho adotamos o modelo taxionômico toponímico proposto por Dick (1990), que consiste em um total de 27 taxes, sendo estas divididas em 11 de natureza física e 16 de natureza antropocultural. Utilizamos também os pressupostos teóricos de Magalhães (1876), Sampaio (1901), Barbosa (1956), Rodrigues (1945), Rodrigues (1951), Tibiriçá (1984) e Navarro (2006). Como suporte teórico morfológico contamos com os pressupostos de Cunha e Cintra (1985), Rio-Torto (1998), Basílio (2000), Costa (2002) e Basílio (2009), de forma a fundamentar o processo de formação dos termos apresentados na análise.

No decorrer de nossa pesquisa constatamos que o processo de formação mais recorrente nos topônimos indígenas de origem tupi e guarani é a derivação sufixal, formado pela junção de sufixos tupis e guaranis como *-tinga*, *-tyba*, *-uassu*, *-guaçu*, entre outros.

Considerações sobre a toponímia indígena brasileira

Refletir sobre a formação da toponímia brasileira é aceitar a multiplicidade de línguas e culturas que originaram e solidificaram nosso idioma. Em seu artigo intitulado “Toponímia brasileira: origens históricas”, Antunes e Carvalhinhos (2007, p. 1) ressaltam que falar da toponímia brasileira “é remeter-se, inapelavelmente, às origens do país. É, também, remeter-se a alguns aspectos do português brasileiro (PB)”, uma vez que, segundo Dick (1990), a toponímia no Brasil comporta considerações referentes a três estratos linguísticos: o português, o africano e o indígena. É inegável, porém, que a maior contribuição em relação à escolha dos topônimos, particularmente dos acidentes geográficos, é de procedência indígena, especialmente do tupi.

De acordo com Dick (1990, p. 2), citando Drummond, durante muito tempo a toponímia no Brasil foi conhecida e trabalhada de maneira simplista: seu método de estudo consistia unicamente na elaboração de uma lista de topônimos de determinada região, seguida de uma provável etimologia dos nomes de origem indígena, sem ater-se a questões como a origem histórica e os motivos de tal escolha de designativo. Entretanto, para a

autora, a verdadeira toponímia deveria preocupar-se com outras questões, isto é, além da etimologia, deveria ocupar-se, por exemplo, das histórias das transformações dos nomes de lugares, sua evolução fonética e alterações no decorrer do tempo. Destaca a pesquisadora, que “apenas um trabalho sério de investigação, que se sabe demorado e constante, poder-nos-á levar à verdadeira causa denominativa e, talvez, num último passo, à intencionalidade do denominador” (DICK, 1990, p. 3).

Uma ideia equivocada, mas bastante difundida, é a de que, no Brasil, todos os topônimos indígenas são de origem tupi. Aqui, os nomes geográficos de origem indígena possuem uma variada gama de procedências e, embora a sua maioria seja de origem tupi, a toponímia brasileira apresenta um grande acervo de palavras indígenas de outras procedências, como karib, bororo, aruak, jê, entre outras.

Segundo Seki (2000), o motivo desse equívoco foi o fato de que a ênfase dada ao estudo do tupi na época da colonização do Brasil, bem como a expansão geográfica dessa língua pelos missionários e o estudo de materiais escritos nesse idioma fizeram surgir a ideia de que no Brasil só havia o tupi ou tupi-guarani.

Nesse sentido, Sampaio (1987, p. 68-69) explica que o tupi espalhou-se por grande parte do país e que essa propagação se deveu não apenas à força da raça indígena, mas especialmente por causa das expedições dos colonizadores europeus, que difundiam esse idioma conhecido como a língua geral; assim, mesmo sendo o português o idioma oficial falado no país, o tupi era certamente o idioma mais usado no Brasil. De acordo com esse autor:¹

Faziam-se a conquista tendo por vehiculo a própria língua dos vencidos, que era a língua da multidão [...], as bandeiras quase que só fallavam o tupi. [...]. Recebiam então um nome Tupi as regiões que se iam descobrindo, e o conservavam pelo tempo adiante, ainda que nellas jamais tivesse habitado um tribu de raça tupi. E assim é que no planalto central, onde dominavam povos de outras raças, as denominações dos valles, rios e montanhas e até das povoações são pela mor parte da língua geral. ² (SAMPAIO, 1987, p. 14)

Outro fator relevante para essa propagação foi o fato de que, apesar de os portugueses, ao chegarem ao Brasil, terem encontrado um país multilíngue, havia, segundo Franchetto (2000), certa uniformidade linguística no litoral da colônia onde habitavam os indígenas pertencentes à família tupi-guarani. Mesmo os povos inimigos possuíam entre si falares muito próximos, o que facilitou a criação de uma gramática que servisse de base para a catequização de colonos e indígenas por parte dos jesuítas. Antunes e Carvalhinhos (2007) advogam que esse contato entre o branco e o índio influenciou diretamente na formação do sistema toponímico brasileiro, pois

Em termos de apreensão de mundo, tanto os registros cartográficos quanto as narrativas comuns na época, como o *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, de Gabriel Soares de Sousa, trazem dois elementos que se refletiram na formação do sistema toponímico brasileiro: a apreensão do novo espaço e seus elementos (inéditos para o europeu como fauna e flora), descrevendo o que naquele momento era inominável em língua portuguesa, mas já possuía

1 Utilizamos, no decorrer deste trabalho, duas edições da obra de Theodoro Sampaio: a primeira, editada em 1901, e a quinta, de 1987, que apresentam diferenças entre si. Por isso fazemos referência às duas edições em diversas partes de nosso texto.

2 Foi mantida a grafia do escrito original (1901).

um termo em língua indígena e, por outro lado, descrevendo este espaço segundo a visão européia, o que levaria à geração da duplicidade e possível superposição toponímica. (p. 2)³

Sampaio (1987) também destaca essa influência do tupi na formação toponímica brasileira. Para o autor, o contato direto entre meio e indivíduo foi o que propiciou a criação desse sistema designativo, e essa proximidade tornava difícil a separação entre homem e ambiente, uma vez que não se conseguia distinguir ao certo onde começava um e onde começava o outro. Dessa forma, o índio era visto como parte da natureza, assemelhando-se, na maioria das vezes, a um animal selvagem:

[...] as denominações tupis das localidades ou dos indivíduos, com todos os epítetos de procedência bárbara, são de uma realidade descritiva admirável, exprimem sempre, as feições características do objeto denominado como produtos que são impressões nítidas, reais, vivas, como soem experimentar os povos infantis, incultos, no máximo convívio com a natureza. Exprimem, também, meros acidentes em uma circunstância qualquer, mas que deixarão viva recordação no âmbito do selvagem. (SAMPAIO, 1987, p. 174)

Para Dick,⁴ essa grande propagação dos topônimos tupis ocorreu não só “devido à maior mobilidade geográfica ou mesmo sócio-cultural do grupo, mas também devido à ação religiosa dos missionários e à antiga participação das antigas bandeiras, que difundiram a língua dita então geral [...]”. Deve-se registrar, que a toponímia brasileira de origem indígena está cheia de contrastes e faz-se presente em elementos que remontam à cultura material e espiritual de seu povo, no entanto, segundo a autora, “é nos dados naturais ou físicos, principalmente, que essa toponímia encontra uma definição mais relevante” (DICK, 1990, p. 123).

Isso se deve, em parte, conforme Dick já destacara, ao fato de que a forte influência indígena no processo de designação toponímica consiste em um grande problema, especialmente no que se refere à etimologia desses termos, já que, para elucidá-la e recuperar a grafia e o significado original desses designativos, precisamos, na maioria das vezes, recorrer à história. Outro problema ressaltado por Tavares (2004) é a inexistência de fontes realmente seguras, capazes de determinar com exatidão a etimologia dos termos indígenas, especialmente quais são os termos de origem tupi e quais são os de origem guarani.

Essa dificuldade de definição etimológica justifica-se tanto pela proximidade e semelhança entre os termos, quanto pela mudança de grafia que ocorreu ao longo do tempo, seja como forma de adequação à língua portuguesa e aos falantes dela, seja pelo fato de esses termos coletados na oralidade serem transcritos de forma diferente da grafia original ao serem anexados às cartas topográficas. A respeito dessas duas línguas, tão próximas entre si, Magalhães (1876, p. 43-46) faz as seguintes considerações:

Estas duas palavras tupi e guarani não significavam entre os selvagens que dellas usavam senão tribus ou famílias que assim se denominavam. Estas duas expressões: língua tupi, ou língua guarani, seriam como se nós disséssemos: a língua dos mineiros, ou a língua dos paulistas. Se no Paraguay qualquer um disser: guarani nhenhen, para traduzir a expressão - língua guarani - ninguém o entenderá, porque para elles o nome da língua é: Ava nhenhen, litteral; língua de gente. [...] O mesmo diremos a proposito da língua tupi. Tupi era o nome de uma tribu que, ao tempo da descoberta, dominava grande parte da costa. Se dissermos

3 Idem.

4 Idem.

a qualquer índio civilizado do Amazonas: falle em língua tupi – elle não entende o que queremos dizer; para que elle entenda que queremos que elle se expresse na propria língua, mister é dizer-lhe: Renhenhen nhenhengatú rupí, litt.: falle língua boa pela, isto é, fale pela língua boa.⁵

De acordo com Bertoni (apud RODRIGUES, 1945, p. 349), assim como não há diferenças entre os dialetos guaranis falados em distintas localidades, também não existe dualismo entre o tupi e o guarani. Segundo esse autor, o dualismo entre o tupi e o guarani nunca existiu, na verdade, são apenas dois grandes dialetos que pouco se diferenciam entre si.

Rodrigues (1945, p. 349-350) esclarece, entretanto, que, ao mesmo tempo em que existe a unidade, há ainda o dualismo e, para que se possa fazer tal afirmação, é preciso considerar o assunto em seus diversos aspectos. De acordo com o ponto de vista glotológico, o tupi e o guarani estão diretamente ligados entre si, porém, se concebermos esses dois ramos do ponto de vista prático, temos que reconhecer que os falantes do tupi antigo conseguiriam entender, relativamente bem, o guarani antigo, assim como um falante da língua portuguesa consegue entender o espanhol, entretanto, quem fala o tupi moderno ou nheengatú não terá a mesma facilidade para entender o guarani moderno ou avanheén.

Para Sampaio (1901, p. 20-21), o tupi e o guarani foram línguas bastante faladas no Brasil, não só pelo indígena propriamente dito, mas também pelas populações que depois se formaram sob a influência dos europeus:

Desde o Amazonas até Cananéa [...], dominava o tupi fallado por tupinambás, tabajaras, potiguaras, cahétes, tupiniquins, tamoyos e depois por seus descendentes, mestiçados com europeus e africanos. De Cananéa para o Sul, pela costa, e, pelo interior, abrangendo grande parte do sertão paulista [...] dominava o Guarany fallado pelos guayanás, carijós, tapes e outros”.⁶

Segundo o autor, os vestígios dessa dominação estão presentes nas denominações de lugares, e esse fato sempre deve ser levado em consideração quando trabalhamos com a interpretação de nomes tupis relacionados à geografia nacional (SAMPAIO, 1901).

Apontamentos sobre o tupi e o guarani

De acordo com Rodrigues (1945, p. 333), o tupi e o guarani possuem a mesma origem, uma vez que, antes da descoberta das Américas, havia na América do Sul um tronco tribal e linguístico que se localizava nas regiões entre os rios Paraná e Paraguai, onde hoje se localiza o Paraguai, e cujos descendentes, à época do descobrimento, constituíam os tupis e os guaranis.

Esse tronco, na época homogêneo, com o correr do tempo e em decorrência de fatores diversos, “foi dispersando-se, por migrações diversas que se deram em várias e em várias direções, quase todas ainda em época pré-histórica” (RODRIGUES, 1954, p. 333).

De acordo com esse autor, a língua desse tronco primitivo foi denominada, pelo

5 Foi mantida a grafia original.

6 Foi mantida a grafia original.

professor Rosário Farani Mansur,⁷ proto-tupi-guarani ou tupi-guarani comum. Por meio dessa denominação, “entende-se um estado linguístico homogêneo, ou mais ou menos tal; sendo esta a primeira estratificação, a qual comporta particularidades linguísticas entrevistadas antes da época histórica, isto é, antes dos fracionamentos dialetais” (RODRIGUES, 1945, p. 334).

Com o decorrer do tempo e de acordo com a fragmentação desse tronco linguístico, ocorreu o fracionamento linguístico, dando origem aos dialetos tupis e guaranis. A respeito desse processo, Rodrigues aponta que:

[...] das várias migrações que se realizavam, [...] os tupis deixaram o seu primitivo habitat, dirigindo-se para o oriente, atravessando os territórios dos atuais Estados do Paraná e São Paulo, alcançando o litoral e distendendo-se por quase toda a costa, poucos séculos antes da descoberta. [...] Pelo litoral, com o correr do tempo, foram os tupis dividindo-se em várias tribus [...]. Por sua vez, os guaranis, que se mantiveram ao sul, também se dividiram em tribus várias, sendo a sua maioria conhecida pelo nome de carijó (kari o’), estendendo-se desde o litoral até as regiões paraguaias, pelo sul do trópico de Capricórnio. (1945, p. 335)

Segundo o autor, com a separação dos tupis e dos guaranis, o prototupi-guarani falado anteriormente tomou rumos evolutivos diferentes. Distinguiram-se, a partir de então, dois dialetos desse tronco: o prototupi e o protoguarani. Dessa forma, o prototupi-guarani ou guarani comum ficou sendo falado nas regiões paraguaias e pelas tribos que se espalharam dessa região para o oriente, enquanto o prototupi ou tupi comum ficou sendo a língua falada pelos tupis.

A respeito da relação entre o tupi e o guarani, Tibiriçá (1984) defende que tupi-guarani diz respeito ao tronco étnico, assim como o indo-europeu. Desse modo, tupi-guarani ou macro-tupi denomina um conjunto de dialetos falados em quase todos os países da América do Sul. Assim, segundo o autor, “o guarani não deriva do tupi ou este daquele, são na realidade duas línguas que emanciparam de um mesmo tronco linguístico, mas que possuem suas próprias particularidades” (TIBIRIÇÁ, 1984, p. 12).

Para Sampaio (1901, p. 19-20), o tupi e o guarani são apenas formas variantes de uma mesma língua: “o tupi e o guarany entendem muitos por línguas⁸ diferentes ou estranhas e não são senão irmãs diferenciadas apenas por influencia dialectal”. Segundo Magalhães, o tupi e o guarani são de fato a mesma língua, falada em dois períodos diversos:

O tupi num período mais primitivo, quase monosyllabico, conservando com escrupulo as raízes com que formou a aglutinação; o guarany em um período mais desenvolvido, aquelle em que a raiz monosyllabica perde a significação para abandoná-la ao vocábulo aglutinado. Portanto, [...] o tupi é a fonte e por isso denominamos o grupo com o nome tupi. (1876, p. 46-47)

De acordo com Magalhães (1876, p. 47), a língua tupi ou *nhehegatú* é uma das que ocuparam a maior superfície da terra, e o que encontramos atualmente é uma porção de muitas línguas semelhantes entre si. Algumas são conservadas em documentos escritos; outras ainda são faladas por tribos isoladas e muitas delas já desapareceram, juntamente

⁷ Autor do opúsculo “Novos rumos da Tupinologia”.

⁸ Foi mantida a grafia original do escrito.

com os povos que as falavam.

Essa afirmação é comprovada por Tibiriçá (1984, p. 11): “ao contrário do que geralmente se pensa, não há um idioma intitulado tupi, mas vários dialetos que trazem este nome”. Assim, consoante o autor, há o tupi antigo, também conhecido como tupinambá, usado no século XVIII, falado pelos catequistas, e o tupi moderno ou neotupi, falado entre os caboclos amazonenses, além dos dialetos espalhados por inúmeras tribos isoladas.

Para Rodrigues (1994), tupi-guarani é a família linguística e não o idioma e, assim como outras, está relacionada ao tronco tupi. Quanto às demais famílias linguísticas existentes no Brasil, Rodrigues distribui as 180 línguas indígenas existentes em cerca de 40 conjuntos ou subdivisões, sendo a tupi-guarani a família que abriga um maior número de línguas, razão por que se espalhou por grande parte do território brasileiro. Quanto ao guarani, consiste, segundo o autor, em uma língua dessa subdivisão.

O processo de formação dos topônimos tupi e guaranis: apresentação e análise dos dados

Ao analisarmos o processo de formação dos topônimos tupi e guaranis constatamos que um dos processos mais recorrentes é a derivação sufixal, o que comprova a afirmação de Rodrigues (1951), de que essas são línguas predominantemente incorporantes. Elencamos a seguir alguns exemplos desses designativos.

Quadro 1. Ficha lexicográfico-toponímica 01

Topônimo- “ Aguaçú ”	Termo genérico: Vazante	Termo específico: aguaçú
Localização	Município	Informações enciclopédicas
Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossense	Aquidauana	1. Adjetivo “grande e grosso”.
Taxonomia	Etimologia	Forma variante
Dimensiotopônimo	Tupi/guarani	<i>Guassu, guaçu, aguassu, açú, assú.</i>

Fonte: Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000.

O termo *Aguaçú* é apontado por Guasch e Ortiz (1996, p. 542) e Assis (2008, p. 62) como originado do guarani. Segundo os autores supracitados, corresponde ao adjetivo “grande, acima do normal, em volume, tamanho, intensidade e valor”.

Entretanto, há divergência quanto à origem desse termo, pois, de acordo com Sampaio (1901), Tibiriçá (1984), Cunha (1998) e Houaiss e Vilar (2001), *aguaçú* é um termo de origem tupi.

Houaiss e Vilar (2001) apontam esse nome como um adjetivo de dois gêneros que significa “de grande porte; avultado, volumoso”. Tibiriçá (1984, p. 105) apresenta *guaçu* como forma variante de *guassu*, cujo significado é “grande e grosso”, e Cunha (1998, p. 45) acrescenta a definição “importante” aos demais significados apresentados.

Sobre a formação do grau aumentativo em tupi, Navarro (2006, p. 126) afirma que essa formação se faz com os sufixos *-ûasu (-gûassu)* ou *-usu -ûasu (gûasu)*, que são usados quando o substantivo for oxítono, e *-usu*, quando o substantivo for paroxítono. Nesse caso, o substantivo que recebe esse sufixo perde o sufixo *-a*, quando o possuir. Como

exemplo dessa formação podemos citar o topônimo *Pará*, que significa “mar” e apresenta a forma aumentativa *parágûasu*, “mar grande”.

Quadro 2. Ficha lexicográfico-toponímica 02

Topônimo- “ Itacatu ”	Termo genérico: Retiro	Termo específico: Itacatu
Localização	Município	Informações enciclopédicas
Mesorregião dos Pantaneais sul-mato-grossense	Aquidauana/Miranda	1. Pedra grande 2. Pedra boa.
Taxonomia	Etimologia	Forma variante
Litotopônimo	Tupi/guarani	<i>Itakatu</i> .

Fonte: Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000.

O topônimo *Itacatu* é formado por justaposição. Junção do radical tupi/guarani, *ita*, que significa “pedra” + adjetivo tupi/ guarani, *catu*, *katu*, que quer dizer: “bom, grande”. Traduzido literalmente, este termo significa “pedra grande ou pedra boa”.

Quadro 3. Ficha lexicográfico-toponímica 03

Topônimo- “ Jacutinga ”	Termo genérico: Fazenda	Termo específico: Jacutinga
Localização	Município	Informações enciclopédicas
Mesorregião dos Pantaneais sul- mato-grossense	Aquidauana/Corumbá/Miranda	1. Jacu branco. 2. Rocha friável argilosa.
Taxonomia	Etimologia	Forma variante
Zootopônimo/Litotopônimo	Tupi	Não encontrada

Fonte: Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000.

Termo de origem tupi formado, de acordo com Sampaio (1901, p. 64), pela justaposição das formas *jacu* + *tinga*, que denomina o “jacu branco ou manchado de branco”. Ainda de acordo com o autor, também “denominavam *jacutinga* a rocha friável argilosa servindo de jazida ao ouro entre rocha de *itabirira*, talvez pela sua semelhança de coloração com a ave conhecida do gênero Penélope” (SAMPAIO, 1901, p. 58).

Para Cunha (1998, p. 169), *jacutinga* é “uma ave galiforme da família dos cracídeos, uma espécie de *jacu*”. Segundo Tibiriçá (1984, p. 114), esse termo designa “a ave da família dos cracídeos” e, em uma segunda acepção, pode ser definido como o “xisto ferruginoso e maganífero decomposto”.

De acordo com o dicionário Houaiss e Vilar (2001), *jacutinga* é uma “designação comum às aves galiformes, típica de matas de altitude do sudeste brasileiro, com plumagem negra brilhante e branca, base do bico azul-esbranquiçado, região perioftálmica nua e branca e barbeta larga e vermelha”.

De acordo com Navarro (2006), existem, no tupi, alguns adjetivos ou mesmo substantivos que funcionam como pospositivos na formação de muitos topônimos, como é o caso dos substantivos *tyba*, *tinga* e *pora*.

Sobre esses pospositivos, o autor aponta o uso do substantivo *tinga*, que significa “branco, brancura”, na formação de muitos de nossos topônimos, como é o caso de *jacutinga*, *itatinga*, entre outros.

Quadro 4. Ficha lexicográfico-toponímica 04

Topônimo- “ Jaguaretê ”	Termo genérico: Fazenda	Termo específico: Jaguaretê
Localização	Município	Informações enciclopédicas
Mesorregião dos Pantaneais sul- mato-grossense	Aquidauana/Miranda	1. Onça pintada. Tigre verdadeiro
Taxonomia	Etimologia	Forma variante
Zootopônimo	Tupi/Guarani	Não encontrada

Fonte: Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000

O topônimo *Jaguaretê* é definido por Sampaio (1901), Tibiriçá (1984), Cunha (2006) e Houaiss e Vilar (2001) como um termo de origem tupi. Segundo Sampaio (1901, p. 135), esse termo tem como correspondente a forma tupi *yaguar-etê*, que significa: “onça verdadeira”.

O dicionário Houaiss e Vilar (2001) apresenta a seguinte definição para esse termo: “do tupi *yagware'te jaguar*, “onça” < *ya'gwara* “jaguar” + *e'te* ‘verdadeiro”.

No entanto, de acordo com Guasch e Ortiz (1996) e Assis (2008) este termo é de origem guarani e é definido, segundo Guasch e Ortiz (1996, p. 572), como “tigre americano”. Conforme Assis (2008, p. 140), esta é uma designação para “onça”.

Sobre esse tipo de formação, Assis (2008, p. 852) aponta que, no guarani, o grau aumentativo se faz por meio de sufixos, assim, para o grau aumentativo se usa *-etê* ou *-katu*. Entretanto, o que percebemos na formação desse topônimo é que o uso do sufixo *-etê* não exprime ideia de tamanho, do fato de a onça ser grande e sim ao fato de ser uma “onça de verdade”, nesse caso, a onça pintada, em referência a outros espécimes.

Quadro 5. Ficha lexicográfico-toponímica 05

Topônimo-“ Jaguatinga ”	Termo genérico: Fazenda	Termo específico: Jaguatinga
Localização	Município	Informações enciclopédicas
Mesorregião dos Pantaneais sul- mato-grossense	Corumbá	1. Cachorro branco
Taxonomia	Etimologia	Forma variante
Zootopônimo	Tupi	Não encontrada

Fonte: Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000

O topônimo *Jaguatinga* é de origem tupi formado pela justaposição dos vocábulos *jaguar*, que significa “cachorro” + *tinga*, que significa “branco (a)”, designação para “cachorro branco”. Segundo Tibiriçá (1984, p. 17), esse processo de formação acontece “quando o substantivo é paroxítono. Nesse caso, o substantivo perde a última sílaba se o adjetivo que o completar iniciar com consoante”.

De acordo com o dicionário Houaiss e Vilar (2001), esse é um termo tupi usado para designar tanto o “cão” como os felinos em geral. O processo de composição desse termo é explicado da seguinte forma: “junção de *jaguar*, termo tupi *ya'gwara* “nome comum aos grandes mamíferos carnívoros da família dos felídeos” + *tinga*, elemento de composição pospositivo, do tupi *tinga*, “branco, claro, cor branca, brancura”.

Relacionando a definição apontada para esse topônimo com a definição dada ao termo anterior, podemos observar que há uma certa contradição por parte dos dicionários, uma vez que *jaguar* no topônimo anterior é definido como onça, mas é apresentado como cachorro no topônimo *jaguatinga*. Acreditamos que essa contradição se justifica pelo fato de ser uma prática comum aos indígenas nomearem seus animais seguindo uma analogia, uma espécie de extensão designativa baseada nas características do ser nomeado, assim, se é utilizada a definição “onça verdadeira” ao termo *jaguaretê*, que significa a onça pintada, acreditamos que o termo *jaguatinga* pode fazer referência a um outro tipo de onça, a “onça parda ou puma”.

Quadro 6. Ficha lexicográfico-toponímica 06

Topônimo- “ Nhumirim ”	Termo genérico: Fazenda	Termo específico: Nhumirim
Localização	Município	Informações enciclopédicas
Mesorregião dos Pantaneais sul- mato-grossense	Aquidauana/Corumbá	1. Mato ou campo pequeno.
Taxonomia	Etimologia	Forma variante
Fitotopônimo	Tupi/Guarani	Não encontrada

Fonte: Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000

Topônimo formado por derivação sufixal, a partir da junção do radical tupi/guarani, *ñu, nhũ* “mato, campo” + sufixo diminutivo⁹ tupi/guarani, *mirim*, que significa “pequeno”. Traduzido literalmente, esse termo significa “mato pequeno, matinho, campo pequeno”.

A respeito desse termo, Sampaio (1901, p. 50) destaca que “o campo, o terreno naturalmente despido de vegetação arborescente se denomina *nhu*, que a corruptela alterou muitas vezes para *inhum* e até para *ñu*. Assim, *nhumirim*, “campinho” [...]”.

Entretanto, segundo Navarro (2006, p. 126), o grau diminutivo no tupi faz-se com os sufixos *-ĩ* e *-ĩ*, caindo o sufixo *-a* do substantivo, quando ele existir. De acordo com este autor, *mirĩ* não é um sufixo e sim o adjetivo “pequeno”. Nesse caso, o topônimo *nhumirim* seria formado por justaposição e não derivação sufixal, como foi apontado acima.

Quadro 7. Ficha lexicográfico-toponímica 07

Topônimo- “ Paraguai ”	Termo genérico: Rio	Termo específico: Paraguai
Localização	Município	Informações enciclopédicas
Mesorregião dos Pantaneais sul- mato-grossense	Corumbá	1. Rio dos papagaios. 2. Rio que origina um mar. 3. Rio coronado.
Taxonomia	Etimologia	Forma variante
Hidrotopônimo	Tupi/Guarani	<i>Paraguay</i>

Fonte: Mapa digital do IBGE- Escala 1: 125.000

Topônimo de origem guarani proveniente do topônimo *paraguay*, que nomeava o rio e posteriormente passou a designar o país inteiro que se estabeleceu na região. De acordo com Montoya (1876)¹⁰ este termo pode ser definido como “rio coronado”, formado pela junção dos termos *paragua* que significa “corona de palmas” e *y*, “água ou rio”.

9 Barbosa (1856) afirma que tupi não é um sufixo e sim o adjetivo “pequeno”.

10 No escrito original não consta a numeração das páginas.

Segundo Gubetich (1951, p. 13), a versão mais aceita e de melhor comprovação desse termo é a que o desmembra em três segmentos: *pará*, que significa “mar”; *gua*, que quer dizer “origem”, e *y*, “rio”. Em sua tradução literal esse termo seria: “rio que origina um mar”.

Gonzalez (1993, p. 71-72) advoga que a tradução correta do termo *paraguay* seria “rios de los moradores del mar”, que se refere ao povo guarani que habitava aos arredores desse rio e o dominava em boa parte. Segundo o autor, esse termo seria assim analisado:

[...] Paraguá'y (de Pará, mar; gua, morador, oriundo; y, rio o água), dice literalmente rio de los moradores del mar, clara referencia a los guaraníes que eran los señores de su corriente y navegaban por el Atlántico, en gigantescas piraguas, desde el Plata hasta el mar Caribe. (GONZALEZ, 1993, p. 13)

Entretanto, Sampaio (1901, p. 144) destaca que esse termo origina-se do tupi *paragua-y*, que significa “rio dos papagaios”. Esse apontamento também é defendido por Guasch e Ortiz (1996), que destacam que *pagua*, em tupi, significa “lorito”. *Paraguay* seria, então, “rio dos loritos o papagayos”¹¹ (GUASCH; ORTIZ, 1996, p. 705).

Considerações finais

Conforme já apontamos no início deste trabalho, nosso objetivo consistiu em apresentar alguns apontamentos morfossintáticos sobre o processo de formação dos topônimos indígenas tupis e guaranis das regiões de Aquidauana, Corumbá e Miranda, no Estado de Mato Grosso do Sul.

No decorrer de nossa pesquisa constatamos que esses topônimos são, estruturalmente, formados pelo acréscimo de sufixos, o que configura a derivação sufixal ou sufixação. Observamos, também, que esses sufixos são originados da própria língua indígena, no caso o tupi e o guarani, mas também de sufixos da língua portuguesa, originando os topônimos híbrido-indígena/português.

Concluimos que a recorrência desse processo de formação se deve ao fato de que o tupi e o guarani são línguas incorporantes, sendo a junção de afixos o processo mais comum quando se trata de palavras e radicais dessas origens.

Quanto ao acréscimo de sufixos originados da Língua Portuguesa, acreditamos que isso se deve ao contato entre os indígenas e portugueses e à influência dos últimos na alteração de itens lexicais de origem indígena e também no surgimento de novas palavras, o que interferiu diretamente no processo de designação toponímica de nosso Estado.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, A. M.; CARVALHINHOS, P. J. *Toponímia brasileira: origens históricas*. Blog da USP, 2007.

BASÍLIO, M. Formação de palavras na língua escrita e na língua falada. In: _____. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 2000. p. 81-89.

¹¹ Tradução nossa: Rio dos louros ou papagaios (TL).

_____. *Formação de classes de palavras no português do Brasil*. 2. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

BARBOSA, A. L. *Curso de tupi antigo: gramática, exercícios, textos*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.

COSTA, I. B. Processos morfofonológicos na morfologia derivacional. In: ILARI, R. *Gramática do português falado*. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

CUNHA, C.; CINTRA, L. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DICK, M. V. P. A. *Toponímia e antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. 2. ed. São Paulo: USP, 1990.

FRANCHETTO, B. O que se sabe sobre as línguas indígenas no Brasil. In: I.S.A. (Org.) *Povos indígenas no Brasil 1996-2000*. São Paulo, 2000.

GONZALEZ, N. *Geografía del Paraguay*. Edición de Homenaje. Asunción: Editorial Cuadernos Republicanos, 1993.

GUBETICH, F. H. *Geografía del Paraguay*. Asunción: Orbis, SACI, 1951.

MAGALHÃES, C. *O selvagem*. Rio de Janeiro: Typographia da reforma, 1876.

MONTOYA, Antonio Ruiz de. *Tesoro de la lengua guarani*. Viena; Paris: Faesy y Frick-Maisonneuve, 1876.

NAVARRO, E. A. *Método moderno de tupi antigo: a língua do Brasil dos primeiros séculos*. 3. ed. rev. e aperfeiçoada. São Paulo: Global, 2006.

RIO-TORTO, G. M. *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português*. Porto: Editora Porto, 1998.

RODRIGUES, A. D. *Fonética histórica tupi-guarani: diferenças fonéticas entre o tupi e o guarani*. Arquivos do Museu Paranaense: Curitiba, 1945. IV p. 333-354.

_____. A composição em tupi. *Separata da Revista Logos*, n. 14: Curitiba, 1951.

_____. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1994.

_____. Aspectos da história das línguas indígenas da Amazônia. In: SIMÕES, S. (Org.). *Sob o signo do Xingu*. Belém: IFNOPAP/UFPA, [s.d.].

SAMPAIO, T. *O tupi na geographia nacional*. Instituto Histórico e geográfico de São Paulo: São Paulo, 1901.

_____. *O tupi na geographia nacional*. 5. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1987.

SEKI, L. Línguas indígenas do Brasil no limiar do século XXI. *Impulso*, Piracicaba/SP, v. 12, n. 27, 2000, p. 157-170.

TAVARES, M. *Toponímia Sul-Mato-Grossense: Um caminhar pelas microrregiões de Dourados, de Iguatemi e de Nova Andradina*. Dissertação (Mestrado em Letras) - UFMS, Três Lagoas, 2004.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

_____. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. 4. ed. Brasília: Companhia Melhoramentos, Universidade de Brasília, 1998.

GUASCH, A. S. J; ORTIZ, D. *Diccionario guarani-castellano; castellano-guarani*. 13. ed. Asunción, Paraguay: CEPAG, 1996.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Mapas digitais- MUE e MRU, 2007. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 12 abr. 2010.

TIBIRIÇÁ, L. C. *Dicionário tupi-português*. 2. ed. São Paulo: Traço, 1984.

_____. *Dicionário guarani-português*. São Paulo: Traço, 1989.

_____. *Dicionário de topônimos brasileiros de origem tupi*. 2. ed. São Paulo: Traço, 1997.